



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Licenciatura em Serviço Social

**MECANISMOS ADOPTADOS PELAS COMUNIDADES LGBT EM MOÇAMBIQUE NO
ENFRENTAMENTO DO ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO: ESTUDO DE CASO DA
ASSOCIAÇÃO LAMBDA (2020-2022)**

Autora: Celina Stela Lélío Banda

Supervisora: Msc. Deborah Brito de Oliveira

Maputo, Maio de 2023

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Serviço Social

Trabalho de Fim Curso

Mecanismos adoptados pelas comunidades LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação: estudo de caso da associação LAMBDA (2020-2022)

Monografia apresentada no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura em Serviço Social.

Autora: Celina Stela Lélío Banda

Supervisora: Msc. Deborah Brito de Oliveira

Maputo, Maio de 2023

Celina Stela Lélío Banda

MECANISMOS ADOPTADOS PELAS COMUNIDADES LGBT EM MOÇAMBIQUE NO ENFRENTAMENTO DO ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO: ESTUDO DE CASO DA ASSOCIAÇÃO LAMBDA (2020-2022)

Monografia apresentada no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura em Serviço Social.

Mesa de Júri

A supervisora

O Presidente

O Oponente

Maputo, aos _____ de _____ de 2023

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Celina Banda, declaro por minha honra que o trabalho do fim do curso que se segue, é de minha autoria e nunca foi apresentado parcial ou integralmente para obtenção de qualquer grau académico, ou para outro fim desconhecido e que o mesmo é produto dum investigação pessoal estando indicada toda bibliografia e as fontes de informação utilizadas para sua elaboração.

Maputo, Maio de 2023

(Celina Stela Lélío Banda)

DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia à minha mãe, Marcelina Armando Massinga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha supervisora Débora Brito de Oliveira pela sua disponibilidade, dedicação e ensinamentos dados durante a elaboração do trabalho.

Agradeço a Deus por me guiar até aqui, pois reconheço que se não fosse por sua vontade não chegaria até aqui. Agradeço também a minha mãe Marcelina Armando Massinga pelo seu amor e apoio incondicional, por ter ajudado a cuidar da minha filha durante o período dos estudos.

Agradeço de igual modo ao meu esposo Nicolau Cauaneque por me apoiar na escolha do curso, pelo suporte, força, e apoio dados durante todo o período de estudos.

Agradeço a minha filha Nicole Cauaneque por ser meu alicerce, minha fortaleza durante os estudos.

Agradeço a minha irmã Ana Maria Banda e minha colega do curso e amiga Marinela Nhaca pela força e motivação dados ao longo dos estudos.

Por fim agradeço a todos os docentes do curso de licenciatura em serviço social pelos ensinamentos dados durante as aulas que foram de grande contributo para a minha formação académica.

EPÍGRAFE

“A escolha é um direito de todos nos, e o respeito, um dever de cada um de nos.”

Juahrez Alves

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBT	Lesbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas

RESUMO

O presente trabalho procura analisar os mecanismos adoptados pelas comunidades LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação: estudo de caso da associação Lambda (2020-2022). Como pressuposto básico percebe-se que os homossexuais ainda são foco de preconceitos nesta sociedade, que historicamente desenvolveu padrões culturais de comportamento baseados em conceitos morais e dogmáticos. Nesta perspectiva, além dos espaços públicos, o homem ou mulher que têm orientação homoafetiva, em muitos casos é excluído do próprio seio familiar, o que os levam, via de regra, a não assumirem abertamente a própria identidade. A pesquisa é de natureza qualitativa, onde aplicou-se a entrevista semi-estruturada e a observação simples como técnicas de colecta de dados. Para análise dos dados, recorreu-se a teoria do Interraccionismo Simbólico, particularmente sob o prisma defendido por Erving Goffman (Sociólogo Americano da Escola de Chicago), na sua abordagem sobre o estigma e identidade deteriorada. Da pesquisa constatou-se que os membros da Lambda sofrem violência psicológica e física e, como forma de reverter este cenário, a Associação tem envidado esforços no sentido de promover campanhas de sensibilização, formação, uso da mídia e palestras sobre a homossexualidade. É imprescindível realçar que todos esses mecanismos adoptados pela Lambda, visa combater a homofobia e a discriminação em razão da orientação sexual, da identidade de género e das características sexuais, cujo objectivo principal é de garantir a protecção dos direitos de todas as pessoas LGBT em Moçambique.

Palavras-chave: *Estigma, Discriminação, Homossexualidade, Serviço Social.*

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the mechanisms adopted by LGBT communities in Mozambique to face stigma and discrimination: a case study of the Lambda association (2020-2022). As a basic assumption, it is clear that homosexuals are still the focus of prejudice in the society, which has historically developed cultural patterns of behavior based on moral and dogmatic concepts. In this perspective, in addition to public spaces, the man or woman who has homoaffective orientation, in many cases is excluded from their own family, which leads them, as a rule, not to openly assume their own identity. The research is qualitative in nature, where semi-structured interviews and simple observation were applied as data collection techniques. For data analysis, the theory of Symbolic Interactionism was used, particularly under the prism advocated by Erving Goffman (American Sociologist of the Chicago School), in his approach to stigma and deteriorated identity. From the survey it was found that Lambda members suffer psychological and physical violence and, as a way to reverse this scenario, the Association has made efforts to promote awareness campaigns, training, use of the media and lectures on homosexuality. It is essential to emphasize that all these mechanisms adopted by Lambda aim to combat homophobia and discrimination based on sexual orientation, gender identity and sexual characteristics, whose main objective is to guarantee the protection of the rights of all LGBT people in Mozambique.

Keywords: Stigma, Discrimination, Homosexuality, Social Work.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	I
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
EPÍGRAFE	IV
LISTA DE ABREVIATURAS	V
RESUMO	VI
ABSTRACT.....	VII
INTRODUÇÃO	8
Hipóteses.....	11
Justificativa	12
Objectivos	12
Estrutura.....	13
CAPITULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	13
1.1 Enquadramento Teórico.....	13
1.2 Enquadramento Conceptual	15
1.2.1 Estigma	15
1.2.3 Discriminação	15
1.2.4 Homossexualidade	16
1.2.5 Serviço Social	16
1.2.6 Direitos Sociais	17
CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO DO PLANO DE INTERVENÇÃO.....	18
2.1 Reunião com os membros da Lambda	18
2.2 Emponderamento aos membros da Lambda por meio de debates em matérias ligadas aos direitos humanos	18
3.3 Palestras	19
CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....	20
3.1 Natureza da pesquisa.....	20
3.2 Tipo de Pesquisa	20
3.3 Método de pesquisa.....	21
3.4 População e Amostra	

3.5 Instrumentos de recolha de dados	22
3.6 Validade e fiabilidade	23
3.7 Análise e interpretação de dados.....	23
3.8 Aspectos éticos da pesquisa	23
3.9 Constrangimentos da pesquisa.....	21
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE CAMPO	25
4.1 Descrição do local de estudo.....	25
4.2 Perfil Sociodemográfico dos entrevistados.....	26
4.3 Reacção da família quanto à revelação da Homossexualidade.....	26
4.4 Tipos de violência que assolam a comunidade Lgbt (Lambda) em Maputo	29
4.5 Descrição das formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a questão do estigma e discriminação	31
4.5.1 Sensibilização	32
4.5.2 Formação.....	32
4.5.3 Uso da Mídia.....	33
4.5.4 Palestras	33
4.6 Avaliação dos mecanismos adoptados pela Lambda no enfrentamento do Estigma e Discriminação	34
4.7 O papel do Assistente Social no combate ao estigma e discriminação contra as minorias sexuais.....	34
4.8 Actividades desenvolvidas no âmbito da implementação do plano de intervenção	36
4.9 Apoio de Governo à Associação Lambda.....	36
CONCLUSÃO	38
Propostas e/ou sugestões.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
APÊNDICES.....	41

INTRODUÇÃO

A homossexualidade refere-se à característica, condição ou qualidade de um ser que sente atracção física, estética e/ou emocional por outro ser do mesmo sexo. Também se refere a um indivíduo com senso de identidade pessoal e social com base nessas atracções, manifestando comportamentos e aderindo a uma comunidade de pessoas que compartilham da mesma orientação sexual.

A hostilidade em relação às pessoas homossexuais, comumente chamada de discriminação sexual, homofobia ou homo-negatividade, é um fenómeno evidente em várias sociedades e culturas, quer ocidental quer africana, visível no nosso quotidiano.

No contexto moçambicano, por meio da observação, tem-se verificado o estigma e discriminação contra as pessoas homossexuais, por ser uma prática que viola os padrões culturais e, muitas vezes, faz com que os indivíduos não acedam aos seus direitos.

A homossexualidade é associada a algum tipo de punição por parte das famílias, como por exemplo: o corte de benefícios, o afastamento do seu convívio social com amigos, além da busca pela “cura”, seja com a inserção numa igreja ou procurar um curandeiro a fim de “reverter o mal” ou os submetem a tratamento médicos com intuito de eliminar essa sexualidade transgressora.

Nesta ordem de ideias, a comunidade LGBT é um grupo social considerado vulnerável, inclusive em suas próprias residências e em espaços institucionais que deveriam ser de promoção e não de violação de direitos. Se tratando disso, as violações que essas pessoas sofrem são objecto de trabalho de assistentes sociais para preservar direitos e combater a questão social.

Assim sendo, foi elaborada a presente pesquisa subordinada ao seguinte tema: *Mecanismos adoptados pelas comunidades LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação: estudo de caso da associação Lambda (2020-2022)*.

- Problema de Pesquisa

A homossexualidade é uma prática muito antiga, que consiste em atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, mas também muito discriminada e estigmatizada no seio da sociedade.

No mundo é comum observar os homossexuais a sofrerem exclusão nos dias actuais, como a mídia evidencia diariamente, mostrando que muitos são, inclusive, submetidos a constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns a sofrer até mesmo agressões físicas, e vemos essa exclusão se intensificar nos casos de homossexuais que assumem posturas mais associadas com o feminino, assumindo um género discordante com o seu sexo (Gorischi, 2014).

Na perspectiva de Belin e Neumann (2020, p. 12) a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais) sempre carregou consigo estigmas e o preconceito de ser tudo que a sociedade considerava como não-natural, com isso, vários psiquiatras criaram teorias e tentaram explicar e teorizar este impulso natural que é a sexualidade humana. O termo homossexualismo, que tem uma conotação de síndrome ou doença foi imposto a todos que tinham uma orientação diferente da heterossexualidade. Somente no início da década de 1990 a OMS (Organização Mundial da Saúde) retirou o termo da lista de doenças ou problemas relacionados a saúde.

Segundo Ferraz (2017) *apud* Belin e Neuman(2020, p. 17), o movimento LGBT tem em sua pauta de lutas alguns pontos principais, como a criminalização da homofobia, fim da criminalização da homossexualidade em países onde a lei ainda permite a condenação de homossexuais, reconhecimento da identidade de género, despatologização das identidades trans, e a retirada da transexualidade como transtorno mental ou doença da lista de transtornos da OMS, fim da cura gay, casamento civil igualitário e a permissão de adopção por casais homoafectivo.

Segundo Gorischi (2014), somente em 2011 é que foi aprovada uma resolução do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, na qual se afirma expressamente que os direitos LGBT são Direitos Humanos. Mas a sua implementação ainda é deficiente no mundo, inclusive em África.

A título de exemplo, Amnistia Internacional (2013), afirma que no continente africano, onde as sociedades se caracterizam por perversão, característica da herança tradicional, como o machismo, poligamia, entre outros, o preconceito, a discriminação e a opressão social contra os homossexuais, apresentam-se como atitudes de extrema crueldade.

África é um continente extremamente homofóbico, segundo relatório da Amnistia Internacional (2013), a homossexualidade é ainda considerada ilegal em pelo menos 38 dos 54 países, sendo que 4 deles aplicam penas de morte. A “homossexualidade” é tida, no geral, como uma identidade estranha e prática exterior à tradição africana.

As pessoas LGBT são discriminadas em muitos aspectos da vida quotidiana. As formas de discriminação vão desde a discriminação institucionalizada e oficial, em forma de leis e políticas que criminalizam a homossexualidade e impedindo acesso ao trabalho ou a benefícios; bem como na forma de estigma social e preconceito no trabalho, em casa, na escola e em instituições de saúde (Bergamaschi e Tiago, 2017).

De acordo com o relatório de pesquisa publicado pelo The Pew Fórum on Religion & PublicLife (2010), dos Estados Unidos da América, publicado a 25 de Abril de 2010, a homossexualidade em Moçambique é algo fortemente repudiado no seio dos diferentes grupos religiosos, além disso, a pesquisa mostra que para 79% dos muçulmanos e 80% dos cristãos moçambicanos a homossexualidade é um comportamento moralmente errado, visto que desrespeita as leis Divinas sobre as relações sexuais (Nota etal, 2012).

Existem factores que contribuem para a não consolidação da homossexualidade em Moçambique onde se destaca a religião, os tabus e a herança cultural. Para a maioria da sociedade o problema não é levantado no âmbito legal, mas no âmbito religioso, no âmbito da moral e tradicional pois a intolerância assistida não é genuinamente africana mas sim trazida por povos que por lá passaram deixando suas crenças e convicções tendo estes a posterior se redimido e nós continuamos com situações de discriminação no nosso seio o que faz com que a tolerância seja maior que a aceitação (Bergamaschi e Tiago, 2017).

Ademais, Bergamaschi e Tiago (2017) defendem que a homossexualidade é tida como um desvio comportamental, portanto, sancionado pela comunidade e segue sendo ainda um tabu na sociedade moçambicana que pauta pela discriminação das minorias sexuais muitas vezes por desconhecimento.

No ano de 2019 assistiu-se no contexto brasileiro, o Supremo Tribunal Federal, decidir pela criminalização da homofobia e atrelado a esse processo, o julgamento de omissão legislativa, que acusava o congresso nacional de se omitir de discutir temas ligados à comunidade LGBT. Vale

lembrar que a primeira e única vez que o congresso nacional legislou sobre a união civil homoafetiva foi em 1997, e após essa votação, nem um presidente da casa legislativa voltou a pautar o assunto para discussão (Trevisan, 2018 p.159).

Segundo Silva et al (2010) a homossexualidade e os homossexuais são uma realidade em nosso dia-a-dia, com grande visibilidade em Maputo, que apesar de aparentemente ser uma minoria, não reflecte ainda assim a população homossexual que realmente existe no país, dado que a maioria como se sabe permanece como não assumido, devido aos receios da estigmatização e discriminação.

A constituição da República de Moçambique, no artigo 52º consagra que: os cidadãos gozam da liberdade de associação. As organizações sociais e as associações têm direito de prosseguir os seus fins, criar instituições destinadas a alcançar os seus objectivos específicos e possuir património para a realização das suas actividades, nos termos da lei. São proibidas as associações armadas de tipo militar ou paramilitar e as que promovam a violência, o racismo, a xenofobia ou que prossigam fins contrários à lei.

Como pressuposto básico percebe-se que os homossexuais ainda são foco de preconceitos nesta sociedade, que historicamente desenvolveu padrões culturais de comportamento baseados em conceitos morais e dogmáticos. Nesta perspectiva, além dos espaços públicos, o homem ou mulher que têm orientação homoafetiva, em muitos casos é excluído do próprio seio familiar, o que os levam, via de regra, a não assumirem abertamente a própria identidade. Nesta perspectiva, observa-se que os associados da Lambda, também vivenciam esta realidade.

Face as reflexões apresentadas, pode-se entender que ser homossexual é um grande desafio em Moçambique, pois significa carregar rótulos que a sociedade atribui a este grupo. Não obstante, significa estar ciente de que sofrerá estigma e discriminação devido aos factores que os autores apresentaram. Nesta ordem de ideia, levanta-se a seguinte pergunta de pesquisa: *De que forma a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a problemática do estigma e discriminação em Moçambique?*

- **Hipóteses**

H0: Os mecanismos adoptados pela Lambda em Moçambique como palestras, debates e consciencialização não são suficientes para o enfrentamento do estigma e discriminação.

H1: A comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a problemática do estigma e discriminação em Moçambique por meio de palestras, promoção de debates e consciencialização a respeito da homossexualidade.

- **Justificativa**

A escolha do tema deve-se a escassez de pesquisas ligadas a comunidade LGBT em Moçambique, ou por outra, surge devido a alta taxa de discriminação contra as minorias sexuais. Ademais, tem-se assistido a estigmatização e discriminação de homossexuais, razão pela qual levanta-se o presente estudo para compreender os mecanismos usados pela comunidade LGBT para combater esta questão social.

A pesquisa é relevante pois vai contribuir no entendimento da homossexualidade de forma consistente, tendo em vista que Assistente Social é uma profissão que lida com as mazelas da questão social, após a identificação das expressões do problema em causa, traçar-se-á estratégias do seu enfrentamento.

No que tange ao campo científico, a pesquisa torna-se uma contribuição no estudo sobre a comunidade LGBT em Moçambique, não obstante, o estudo também visa defender os direitos das minorias sexuais na sociedade, por meio de instrumentos inerentes ao Assistente Social, garantindo deste modo, o bem-estar social deste grupo.

- **Objectivos**

No que concerne aos objectivos, o presente trabalho tem como objectivo geral: compreender os mecanismos adoptados pela comunidade LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação. E, com objectivos específicos de identificar os tipos de violência que assolam a comunidade LGBT (Lambda) em Maputo; descrever as formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a questão do estigma e discriminação; apresentar o papel do Assistente Social no combate ao estigma e discriminação contra as minorias sexuais.

- **Estrutura**

No primeiro capítulo encontra-se o enquadramento teórico e conceptual, onde apresenta-se a teoria de base usada para análise dos dados na pesquisa e a conceptualização dos conceitos-chave. O segundo capítulo apresenta o plano de intervenção social, destacando as actividades levadas a cabo, com intuito de garantir o bem-estar dos membros da Lambda. O terceiro capítulo faz referência a metodologia, ilustrando os procedimentos técnicos seguidos para a efectivação da pesquisa. No quarto e último capítulo apresenta-se a análise, interpretação e discussão dos dados obtidos da pesquisa e, depois deste, encontra-se a conclusão do trabalho, as referências bibliográficas e os apêndices.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

No presente capítulo pretende-se apresentar o quadro teórico que serviu de base para apreensão da expressão da questão social em discussão, neste caso, usou-se a teoria do interacionismo simbólico na perspectiva de Goffman e, apresentar-se os conceitos-chave, nomeadamente: estigma, discriminação, homossexualidade, serviço social e direitos sociais.

1.1 Enquadramento Teórico

Na presente pesquisa, usou-se a teoria do Interraccionismo Simbólico, particularmente sob o prisma defendido por Erving Goffman (Sociólogo Americano da Escola de Chicago), na sua abordagem sobre o estigma e identidade deteriorada. O interacionismo simbólico é uma abordagem simbólica das relações humanas que considera de suma importância a influência, na interacção social, dos significados bem particulares trazidos pelo indivíduo à interacção, assim como os significados particulares que ele obtém a partir dessa interacção.

Segundo Gil (2008, p. 23), o interacionismo simbólico origina-se dos trabalhos desenvolvidos por George Herbert Mead (1863-1931) e Charles H. Cooley (1864-1929). Para os interacionistas, a sociedade é constituída de pessoas que actuam em relação às outras pessoas e aos objectos em seu ambiente com base nos significados que essas pessoas e objectos têm para aquelas.

Esses significados, por sua vez, surgem da interação que cada pessoa tem com as outras e são estabelecidos e modificados mediante um processo interpretativo. Esta perspectiva é designada simbólica porque os interacionistas atribuem peso significativo aos símbolos no processo de comunicação humana (Gil, 2008, p. 23).

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso (Gofman, 1891).

Segundo Gofman (1891), existem três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo: as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Nesta senda de ideias, Gofman (1891) defende que com base no que foi dito anteriormente, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efectivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão.

A teoria do estigma de Gofman foi usada para explicar os mecanismos adoptados pela comunidade LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação e os tipos de violência que afecta este grupo minoritário.

A relevância da teoria no Serviço Social visa munir o Assistente Social de uma perspectiva holística na análise das expressões da questão social, em particular, casos relacionados com o isolamento, a exclusão social, discriminação e, acima de tudo, o estigma. Por meio dela, o Assistente Social explica as expressões da questão social anteriormente expostas e define um conjunto de instrumentos para a sua erradicação, visando garantir o bem-estar dos indivíduos estigmatizados.

1.2 Enquadramento Conceptual

Neste subcapítulo, pretende-se definir e operacionalizar os seguintes conceitos: estigma, discriminação, homossexualidade e serviço social.

1.2.1 Estigma

Segundo Giddens (2001, p.160) define o estigma como qualquer característica que coloca um indivíduo ou grupo à parte da maioria da população, resultando daí que, o indivíduo ou grupo seja tratado com suspeição ou hostilidade. Nesta ordem de ideia, o estigma define-se como uma característica ou atributo que a sociedade atribui ao indivíduo.

Na perspectiva de Gofman (1891), um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. O termo estigma, refere-se a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.

No presente trabalho, o estigma é entendido na visão de Gofman (1891), que considera todo aquele atributo profundamente depreciativo que a sociedade atribui ao indivíduo e o considera anormal.

1.2.3 Discriminação

De acordo com a ONU/SIDA (2000, p.10), A discriminação ocorre quando é feita uma distinção em relação a uma pessoa, em consequência da qual ela é tratada incorrecta e injustamente, por pertencer, ou por se presumir que pertence, a determinado grupo. Assim sendo, as pessoas ou grupos discriminados não têm os direitos e recursos que estão ao alcance dos outros.

Segundo Morreira (2017), a discriminação designa, por um lado, a acção de classificar objectos a partir de um determinado critério. O termo discriminar tem conotações negativas, pois sugere que alguém seja tratado de forma arbitrária.

A presente baseou-se no conceito da ONU/SIDA (2000), por olhar para a discriminação como distinção em relação aos outros, através do qual a pessoa é tratada de forma incorrecta e injusta por assumir um certo modelo de comportamento que os outros acham inadequados, cujos seus direitos são privados.

1.2.4 Homossexualidade

Numa pretensa universalidade de actuação, ser homossexual significa relacionar-se sexualmente com pessoas do mesmo sexo biológico e que essa preferência envolveria também comportamentos inequívocos (Costa, s.d).

Para Banditer (1993), a homossexualidade é compreendida enquanto uma relação que envolve pessoas do mesmo sexo homem/homem ou mulher/mulher, se constitui como um modelo anormal de comportamento.

Na óptica de Rios e tal (2004, p. 17) a homossexualidade é entendida como a tendência de buscar prazer sensual através do contacto físico com pessoas do mesmo sexo e não com pessoas do sexo oposto.

A presente pesquisa tomou o conceito de Banditer (1993) como referência, pois para além de definir a homossexualidade como relação que envolve pessoas do mesmo sexo, deixa claro que este comportamento é tido como anormal pela sociedade.

1.2.5 Serviço Social

A profissão de Serviço Social é demandada pela sociedade capitalista na era dos monopólios para a intervenção na vida da família trabalhadora de modo a implementar políticas sociais que façam o enfrentamento das sequelas da “questão social”, materializando os direitos do cidadão, promovendo a coesão social (Lacerda, 2014).

Segundo Piana (2009, p.85), O Serviço Social é uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, realiza sua acção profissional no âmbito das políticas sócio-assistenciais, na esfera pública e privada. Neste sentido, desenvolve actividades na abordagem directa da população que procura as instituições e o trabalho do profissional e por meio da pesquisa, da administração, do planeamento, da supervisão, da consultoria, da gestão de políticas, de programas e de serviços sociais.

O conceito da Piana (2009) alinhou-se ao objectivos desta pesquisa, pois é abrangente e olha para o Serviço Social como uma profissão circunscrita na divisão social e actua no âmbito das políticas sociais na esfera publica e privada e faz referências a várias actividades que o Assistente Social executa, nomeadamente: administração, supervisão, gestão de programas sociais, etc.

1.2.6 Direitos Sociais

Na perspectiva de Marshall (s/d), direitos sociais se refere a tudo o que vai desde o direito a um mínimo de bem-estar económico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. As instituições mais intimamente ligadas com ele são o sistema educacional e os serviços sociais.

Os objectivos dos direitos sociais repousam na questão da redução das diferenças de classe, não mais na mera tentativa de eliminar ónus evidente que representa a pobreza nos níveis mais baixos da sociedade, mas assumindo aspecto de acção modificadora do padrão total da desigualdade social.

CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO DO PLANO DE INTERVENÇÃO

De acordo com Gil (2008), o plano de intervenção é um instrumento de trabalho dinâmico, que visa descrever acções ressaltando problemas e objectivos a serem alcançados com critérios de acompanhamento e avaliação do trabalho desenvolvido.

O presente capítulo consiste na apresentação das actividades planeadas pela pesquisadora que foram implementadas na Associação Lambda, com vista a garantir a acessibilidade e efectivação dos direitos das minorias sexuais em Moçambique, ou melhor, os direitos da comunidade LGBT.

A primeira actividade refere-se a reunião com os membros da Lambda, seguido de debate em materiais dos direitos humanos e, por fim, palestras nos mercados da Cidade de Maputo sobre a homossexualidade.

2.1 Reunião com os membros da Lambda

A reunião entre a pesquisadora e os membros da Lambda tinha objectivo de identificar os problemas que assolam a comunidade LGBT; compreender as relações sociais existentes entre os membros da comunidade; inclusive identificar os mecanismos de enfrentamento do estigma e discriminação.

A actividade tinha como intervenientes a pesquisadora, membros da Lambda, num período de uma semana, nos escritórios da Lambda da Cidade de Maputo.

2.2 Emponderamento aos membros da Lambda por meio de debates em matérias ligadas aos direitos humanos

Na óptica de Costa (2015), o emponderamento consiste em aumentar a autonomia pessoal e colectiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos à relações de opressão, discriminação e denominação social.

Nesta senda, o emponderamento tinha como objectivo de permitir maior conhecimento dos direitos humanos, em particular, dos LGBT. A actividade tinha como intervenientes os seguintes sujeitos: membros da Lambda, pesquisadora, a Directora, num período de uma semana, no recinto das instalações da Associação.

3.3 Palestras

Devido a crescente onda de estigma e discriminação que paira na nossa sociedade, elaborou-se essa actividade, com objectivo de difundir informações sobre a homossexualidade e os direitos da comunidade LGBT. A mesma tinha como intervenientes: pesquisadora, activistas e agentes comunitários membros da Lambda, com duração de uma semana.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

A pesquisa é desenvolvida mediante aos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos, ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Nesta senda de ideias, no presente capítulo apresentar-se-ão os procedimentos científicos que foram seguidos para a realização do presente estudo.

3.1 Natureza da pesquisa

Levou-se a cabo uma pesquisa de natureza qualitativa. A pesquisa de cunho qualitativo oferece-nos mais mecanismos para captar aspectos não mensuráveis ou não quantificáveis (em oposição ao quantitativo), em outras palavras pode se dizer que, centra-se em aspectos ligados as dinâmicas interpretativas dos sujeitos, assim como os comportamentos, significados, crenças, valores, atitudes entre outros (Gerhardt e Silveira, 2009).

Por meio desta abordagem (qualitativa), captaram-se dados que foram de encontro com os objectivos anteriormente definidos, ou seja, os tipos de violência que assolam a comunidade LGBT (Lambda) em Maputo.

3.2 Tipo de Pesquisa

O tipo de pesquisa desenvolvida foi pesquisa descritiva. Segundo Ribas e Fonseca (2008) a pesquisa descritiva visa descrever uma realidade tal como esta se apresenta, conhecendo-a e interpretando-a por meio da observação, do registo e da análise dos fatos ou fenómenos (variáveis).

Tal pesquisa procura responder questões do tipo “o que ocorre” na vida social, política, e económica.

As autoras acima salientam que este tipo de pesquisa tem por objectivo familiarizar com um fenómeno ou descobrir nova percepção acerca do mesmo; saber atitudes, pontos de vista e preferências das pessoas. Pode assumir a forma de um estudo exploratório, buscando maiores informações sobre determinado assunto.

Para este caso concreto, a pesquisa permitiu descrever as formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a problemática de estigma e discriminação em Moçambique, trazendo concomitantemente, uma discussão teórica sobre o papel do Assistente Social na garantia dos seus direitos sociais.

3.3 Método de pesquisa

O método em destaque é a pesquisa-acção que pressupõe uma participação e envolvimento do grupo alvo no problema a ser investigado; recorre a uma metodologia sistemática no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso dos elementos envolvidos na pesquisa, implicando o desenvolvimento de acções concretas (Gil, 2008).

De acordo com Gil (2008), a pesquisa-acção é utilizada para a identificação de problemas relevantes dentro da situação pesquisada bem como definir um plano de intervenção com vista a resolução e acompanhamento dos resultados obtidos.

Nessa ordem de ideia, na presente pesquisa, para além de procurar compreender o problema, igualmente propõe-se um conjunto de medidas que pode serem assumidas pelas instituições que trabalham no âmbito da defesa dos direitos humanos, com objectivo de minimizar as expressões da questão social que assola a comunidade LGBT em Moçambique.

3.4 População e Amostra

O universo populacional é constituído por 100 membros da comunidade LGBT (Lambda), com uma amostra de 21 elementos, dos quais 5 Lésbicas, 11 Gays, 3 Bissexuais e 2 Transexuais. De idades compreendidas entre 15 aos 80 anos de idade e que estejam a mais de 1 ano na organização.

Ainda neste âmbito, quanto ao tipo de amostragem, optou-se pela amostragem não probabilística por acessibilidade ou por conveniência. O pesquisador selecciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo (Gil, 2008).

3.5 Instrumentos de recolha de dados

Para a colecta de dados, aplicou-se a entrevista, a observação simples e o diário de campo. Na perspectiva de Fonseca e Ribas (2008), a entrevista é uma comunicação verbal entre duas ou mais pessoas, com um grau de estruturação previamente definido, cuja finalidade é a obtenção de informações de pesquisa. As perguntas são feitas oralmente e as respostas são registadas pelo pesquisador, por escrito ou com um gravador, se o entrevistado assim o permitir.

É imprescindível frisar que para a presente pesquisa, usou-se a entrevista semi-estruturada, que consiste em uma conversação informal com perguntas abertas ou de sentido genérico, proporcionando maior liberdade para as vítimas de estigma e discriminação devido a sua orientação sexual.

Segundo Marconi e Lakatos (2004), a observação simples ou assistemática consiste em recolher e registar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas directas.

Outro instrumento não menos importante é o diário de campo. Na óptica de Bavaresco e Goin (s/d), este instrumento trata-se de um caderno onde serão anotadas todas as actividades desenvolvidas no quotidiano do trabalho profissional ou pesquisa científica. Este instrumento é importante para que toda a equipe esteja a par do que esta sendo desenvolvido no âmbito do trabalho, salvo questões de sigilo profissional que não podem ser socializadas na equipe multidisciplinar.

3.6 Validade e fiabilidade

Segundo Richardson (2009) *apud* Matusse (2013) a validade revela a capacidade que um instrumento tem de produzir medições adequadas e precisas, para chegar a conclusões correctas, assim como a poder aplicar as descobertas feitas, a grupos semelhantes, não incluídos em determinada pesquisa.

Para o presente estudo, a validade dos dados foi feita por meio do método de triangulação de dados ou das fontes dos dados, em que se utilizam diferentes fontes de dados ou de informações para se chegar ao mesmo resultado e confrontam os dados provenientes de diferentes fontes, neste caso concreto, confrontaram-se dados advindos das entrevistas, diário de campo e da observação simples.

No que concerne a fiabilidade dos instrumentos escolhidos, optou-se pela técnica de “test-reteste”. Na óptica de Bento (2006) *apud* Matusse (2013) essa técnica consiste em aplicar dois testes ou medições supostamente equivalentes e comparar os resultados.

3.7 Análise e interpretação de dados

Para análise e interpretação dos dados, usou-se o modelo de Laville e Dionne (1999) que consiste em quatro (4) etapas: a Leitura, Descrição, Classificação e por fim, a Interpretação.

a) A leitura – tem a ver com a familiarização com os dados. b) A descrição destina-se ao exame profundo dos dados, uma vez feita uma descrição em detalhes do assunto. c) A classificação está ligada à categorização e ao agrupamento dos dados por assuntos ou temas. d). A interpretação diz respeito a síntese dos dados, organizada em forma de conclusões gerais (Laville e Dionne, 1999).

3.8 Aspectos éticos da pesquisa

Na presente pesquisa foram observados todos os aspectos éticos, ou seja, os dados que foram colectados por meio de entrevista e observação assistemática, foram usados apenas para fins académicos.

É imprescindível frisar que não foram revelados os nomes dos participantes da pesquisa, salvaguardando deste modo, a identidade e concomitantemente garantindo a confidencialidade, privacidade e anonimato.

Ademais, os participantes tiveram a liberdade de decidir participar da pesquisa por meio de esclarecimento prévio dos objectivos da investigação, inclusive a finalidade dos dados colectados.

3.9 Constrangimentos da pesquisa

O primeiro constrangimento enfrentado ao longo da pesquisa, foi a aceitação institucional para a colecta de dados, o processo foi burocrático e moroso, o que levou 4 meses. A insistência, persistência e esclarecimento contínuo dos objectivos da pesquisa, foram estratégias adoptadas pela pesquisadora para ultrapassar esse obstáculo.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DE CAMPO

Neste capítulo pretende-se fazer a apresentação, análise e a interpretação dos dados colectados no contacto que se teve com os membros da comunidade LGBT (Lambda). Iniciar-se-á com descrição do local de estudo, do perfil sociodemográfico dos entrevistados, seguido da reacção da família quanto à revelação da Homossexualidade, depois descreve-se as formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a questão do estigma e discriminação, avaliação dos mecanismos adoptados pela Lambda, papel do Assistente Social na defesa dos direitos das minorias sexuais, seguido da apresentação dos resultados da implementação do plano de intervenção e, por fim, o pedido da Lambda ao governo de Moçambique.

4.1 Descrição do local de estudo

A presente pesquisa foi realizada na Associação Lambda, que se localiza na Cidade de Maputo, concretamente na Av. Marien Ngouabi, n°112, a mesma realiza a sua acção no âmbito da defesa dos direitos das minorias sexuais, ou seja, promoção da comunidade LGBT.

Segundo os dados da entrevista feita à Directora da Lambda, a Associação surge no ano de 2006, porque começaram a aparecer muitos jovens, com orientação sexual diversificada e eram discriminados e excluídos no seio familiar. Então foi criada a Associação no sentido de proteger os direitos desses sujeitos. Importa frisar que, surge por influência de algumas ONG's, como: Fórum Mulher, Liga dos Direitos Humanos, Departamento dos Assuntos Sociais do Ministério da Saúde.

A Directora salientou que essas organizações ajudaram a definir os valores, missão e visão da Lambda. O Conselho Cristão também trabalha com a LAMBDA, no sentido de exortar as congregações religiosas a respeitarem as pessoas com orientação sexual diferente.

Apoiam nas áreas de advocacia, na sensibilização dos cidadãos Moçambique a respeitarem a orientação sexual, a promover serviços de saúde.

É imprescindível realçar que actualmente, a Associação conta com um total de 300 colaboradores, 50 membros (que fazem parte do conselho de direcção e assembleia geral), mais de 20.000 beneficiários e, trabalham em 34 distritos em todas as províncias do país.

4.2 Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados

Neste subcapítulo apresenta-se o perfil sociodemográfico dos entrevistados. No seu todo foram entrevistados 21 membros da comunidade LGBT (Lambda), tendo como variáveis: idade, orientação sexual, estado civil, nível de escolaridade e profissão.

No que tange a idade, são compreendidas entre 19 a 76 anos. Quanto a orientação sexual, dos nossos entrevistados, 5 são Lésbicas, 11 são Gays, 3 são Bissexuais e 2 Transexuais, No que diz respeito ao estado civil, 19 são solteiros, 1 vive em união de facto e 1 é divorciada.

No que diz respeito ao nível de escolaridade e profissão, 10 tem ensino médio concluído, 5 fizeram ensino técnico-profissional nas áreas de contabilidade, medicina e electricidade, 6 tem nível superior nas áreas de género, direito e política social.

4.3 Reacção da Família Quanto à Revelação da Homossexualidade

Na perspectiva de Mott (2003), amar alguém do mesmo sexo, entregar-se à dor e à delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural que os indivíduos estão inseridos. Um mundo que esconde as diversas faces do amor e prega um discurso heterossexista, levando a maioria dos homossexuais a uma árdua luta por sua identidade, autonomia e direitos.

Entrevistou-se os membros da Associação Lambda sobre a reacção dos seus familiares quando estes revelaram a sua orientação sexual. Alguns dos entrevistados responderam positivamente, de que foram muito bem acolhidos e que as suas famílias acharam normal, conforme pode-se verificar nos seguintes depoimentos:

“A minha mãe e o meu pai aceitaram de boa. Até disseram que não precisava de lhe dizer, eles entendem perfeitamente, pois já notavam algo estranho em mim. As minhas tias também aceitaram de boa” (Entrevistado Gay, 21 anos).

“Numa primeira fase houve vários questionamentos sobre o porquê dessa orientação sexual, mas depois assumiram de forma aberta por verem que não era algo de outro mundo, não tirava nada em mim ou deles em ter outra orientação sexual” (Entrevistada Bissexual, 30 anos).

“Identifico-me como homossexual já há 6 anos. Até então só contei para minha irmã, e ela aceitou normalmente. Disse que me entende e me apoia” (Entrevistado Transexual, 22 anos).

Outros entrevistados não tiveram a mesma sorte, ao revelarem a sua orientação sexual, os familiares espantaram-se e, ficaram indignados, pois consideraram grave violação dos princípios da sociedade, como atestam os seguintes dados:

“Para mim não foi algo fácil. Eu estava super apaixonado naquela altura pelo meu namorado. Ele também é Gay e em casa dele não tinha problema. Eu quis experimentar essa experiência de revelar a minha orientação sexual, reuni a minha família, disse a minha mãe e a minha avó, eles ficaram espantados e tentaram até me levar ao médico tradicional e eu recusei” (Entrevistado Bissexual, 23 anos).

“Reagiram de forma negativa. Fiquei 6 meses sem falar com a minha mãe, pois ela não estava a aceitar. Mas depois ela ficou tranquila. Algumas primas não aceitaram e já bloquiei contacto com elas” (Entrevistado Gay, 35 anos).

“Quando revelei a minha orientação sexual, a minha família ficou zangada e chateada devido a nossa cultura e as nossas tradições” (Entrevistado Gay, 25 anos).

Costa e Nardi (2015) sustentam que na tentativa de melhorar a sua própria aceitação de condição homossexual, se deparam exactamente com o posicionamento conservador e inflexível de sua família, atitudes negativas e discriminatórias, reproduzindo os mesmos modelos hierárquicos e

opressores vividos ou ensinados para eles, levando a ruptura do laço afectivo temporário ou permanente e até expulsão da casa dos responsáveis.

Outros com medo de estigma e discriminação dos seus familiares, preferiram até à data da realização da pesquisa, não revelarem a sua orientação sexual, como pode-se observar nos seguintes dados:

“Na parte familiar ainda não revelei. Posso dizer que estou no armário. Mas entre amigos já revelei e foi tudo pacífico. Eles aceitaram abertamente” (Entrevistado Gay, 27 anos)

“Eu ainda não estou preparado para ter esse tipo de conversa com a minha família. Mas sei que no fundo eles sabem, mas sentem também receio de conversarem comigo a respeito” (Entrevistada Lésbica, 25 anos).

Segundo Figueiró (2017, p. 29), homens e mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se “diferentes”, sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos. Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual. Ao invés de se falar em opção, o correcto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual.

Pecheny (2004) concorda com Figueiró (2017) e afirma que, as relações estabelecidas por gays e lésbicas dão-se em três mundos distintos: o das pessoas que sabem, o das pessoas que não sabem e o dos pares homossexuais. Assim, o medo da revelação não chega a impedir os actos homossexuais, mas funciona para criar um contexto repressivo que determina um tipo de interacção social favorável a dissociação entre a sexualidade e o afecto ao privilégio do anonimato.

Goffman (1891) entende o estigma como sendo atributos que tornam o indivíduo possuidor em “desvantagem” para com os demais. Nesta senda, o indivíduo homossexual é estigmatizado pela sociedade, por causa da sua condição física, psíquica, tornando a sua imagem deteriorada.

Neste sentido, os homossexuais mantêm suas identidades discretas, ou seja, não assumem publicamente a sua orientação sexual e em distintos níveis, por terem reconhecimento que podem ser discriminados, estigmatizados, e até excluídos pela sociedade.

4.4 Tipos de violência que assolam a comunidade Lgbt (Lambda) em Maputo

A homossexualidade dentro de uma sociedade heterossexual, traz consigo estigma e discriminação. Tal como atesta Mott (2003), a homossexualidade foi ao longo dos tempos e das diferentes culturas, motivo de punição, de vergonha, segregação e violência contra todos aqueles que atravessassem fronteira da heteronormatividade.

A homofobia, preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e até mesmo assassinatos (Louro, 1999).

Nesta senda, entrevistou-se os membros da Associação, para identificar os tipos de violência que já sofreram, alguns afirmaram que sofreram a violência psicológica, vindo dos seus familiares, amigos e da sociedade, conforme atestam os seguintes dados:

“Sofri muita violência psicológica na minha família, devido alguns princípios que a sociedade tem e que não entende nada sobre a homossexualidade” (Entrevistado Gay, 20 anos)

“A violência relacionada com agressão física, não. Mas nunca falta aquele que fala isto, mais aquilo, que insulta, todos dias acontecem insulto. As vezes tento entrar na casa de banho de homens, me mandam embora, dizendo tenho que ir nas meninas, são pessoas que não entendem” (Entrevistado Bissexual, 47 anos).

“Sim, já sofri violência psicológica. Me fazerem muitas perguntas, fui discriminada na escola devido a minha orientação” (Entrevistada Lésbica, 26 anos).

“Uma das violências que eu sofri, foi a psicológica. Eu sou dançarino, em alguns dias subia ao palco e ouvia muitos insultos e muita discriminação vindo do público,

e quando isso ocorria, eu procurava um cantinho ou ia a casa de banho para sentar e começar a chorar” (Entrevistado Gay, 26 anos).

Outros afirmaram que sofreram a violência física, da sociedade e dos seus familiares, pois não acharam normal a questão da homossexualidade, tal como pode-se verificar nos seguintes depoimentos:

“Eu sofria perseguição no ensino secundário, uma vez encontraram com uns jovens desconhecidos a saída da escola de noite e bateram-me, disseram que eu devia virar homem de verdade. São pessoas que não entendem nada sobre a orientação sexual” (Gay, 23 anos).

“Eu sofri violência física da parte do meu pai. Até nas noites eu tinha que me esconder num quarto para ele não saber onde eu estou. Pois ele me batia devido a minha orientação sexual” (Gay, 27 anos).

Na óptica de Peres (2004), muitos homossexuais, mesmo antes de se decidirem pela travestilidade, ao expressar sua homossexualidade dentro de suas famílias, são discriminados e perseguidos através de cobranças, controles e agressões físicas e verbais que denigrem a sua autoestima e sua capacidade de acção, fazendo-os perder a crença em si mesmos e acreditar nas acusações, classificações e penalizações que lhes são impostas. Ao expressar a sua tendência a travestilidade, essa discriminação não só aumenta, como acaba terminando muitas vezes na expulsão de suas próprias casas.

Paralelamente a essa exclusão familiar, em seu entorno já se configuram outras ondas de exclusão, que vão se conjugando, tais como, exclusão escolar, exclusão social, exclusão económica, exclusão sexual, exclusão cultural, exclusão religiosa, exclusão racial, ou seja, uma total exclusão de direitos, que não só denigre como impossibilita a essas pessoas o direito fundamental de construir suas cidadanias. Vai se configurando aquilo que gostaríamos de chamar “rede de exclusão” (Peres (2004).

Importa salientar que no grupo da homossexualidade, alguns escapam do estigma e discriminação, devido a sua identidade, ou seja, um perfil que não mostra claramente a assumpção da homossexualidade, como pode-se observar abaixo:

“A minha identidade física, expressão da identidade de género acaba não dando a entender as pessoas a minha orientação sexual de bissexual. Mas a mulher que tem identidade masculinizada, ou que se consideram como homem, é que sofreu mais”
(Entrevistada Bissexual, 24 anos).

Na óptica de Gofman (1) enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável, num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande e, algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e, constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Na perspectiva de Parker (2000), todas essas formas de violências e opressões sociais, económicas, sexuais e de géneros, marcam índices fortes de desigualdades sociais, que impossibilitam as pessoas de acreditarem em si mesmas como cidadãs, na qualidade de ter deveres e direitos

Ainda nesta senda, Peres (2004), sustenta que essas formas de estigmatizações e de discriminações agem intensamente sobre o estado psicológico e emocional dos transexuais, gays, lésbicas e transexuais, roubando-lhes o direito de tranquilidade e de saúde mental, produzindo rebaixamento de suas auto-estimas, graves crises de angústias e de ansiedades, que chegam na maioria das vezes aos sintomas da depressão.

4.5 Descrição das formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a questão do estigma e discriminação

No subcapítulo anterior identificou-se os tipos de violência que assola os membros da Associação Lambda, e apontou-se as seguintes: a violência psicológica e a física. Neste tópico será discutido as formas como a Lambda enfrenta a questão do estigma e discriminação.

Para Gofman (1), em alguns casos, o estigmatizado tenta corrigir directamente o que considera a base objectiva de seu defeito, tal como quando uma pessoa fisicamente deformada se submete a

uma cirurgia plástica, uma pessoa com deficiência visual a um tratamento ocular, um analfabeto corrige sua educação e um homossexual faz psicoterapia. Onde tal conserto é possível, o que frequentemente ocorre não é a aquisição de um status completamente normal, mas uma transformação do ego: alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido.

À luz do exposto, entrevistou-se os membros da direcção da Associação Lambda sobre os mecanismos que adoptam para enfrentar o estigma e discriminação presente na sociedade, os mesmos mencionaram os seguintes: sensibilização, formação, uso da mídia e palestras.

4.5.1 Sensibilização

A sensibilização consiste em divulgar informações, conhecimentos a respeito da homossexualidade e boas relações sociais, com vista a mudar algumas atitudes tidas como negativa. Contribui para a percepção consciente da homossexualidade, tal como afirmaram os nossos entrevistados:

“Eu nunca reagi de forma negativa. Quando vejo alguém falando mal de mim na rua, eu volto para trás, paro e olho nos olhos e começo a explicar sobre isso de homossexualidade, sobre não falar mal de pessoa que não conhece, deve respeitar. Eu não reajo de qualquer maneira, eu sou contra a violência, se for criança, chamo os pais para inculcar respeito” (Entrevistado bissexual, 47 anos).

“Eu sendo activista social e defensor dos direitos humanos. Sempre que ocorre a discriminação, sensibilizo a pessoa, enfatizo a questão do respeito um para com o outro, de somos todos iguais, sendo homossexual ou heterossexual nada muda, todos somos normais e que me respeite. Tudo isso ocorre na base de diálogo e nunca pautei pela agressão física” (Entrevistado Gay, 29 anos).

Ademais, a sensibilização tem em vista também conscientizar as pessoas em matérias ligadas a homossexualidade, direitos humanos e o respeito pelas diferenças.

4.5.2 Formação

Para além da sensibilização, a Associação Lambda também procede com o processo de formação e ou capacitação em matérias ligadas à homossexualidade e aos direitos humanos a vários intervenientes sociais, tais como: polícias, juizes, professores, directores das escolas e outros, conforme observa-se abaixo nos depoimentos da Directora da Lambda:

“Temos dado formações e capacitações regularmente. Formamos membros da Polícia da República de Moçambique, membros da Associação dos Juizes, em várias regiões do país, que é no sentido de compreenderem, de respeitarem-nos e defender os beneficiários das nossas actividades” (Directora da Lambda).

4.5.3 Uso da Mídia

O estigma e discriminação contra as pessoas LGBT geralmente é muito disseminado através da internet e das redes sociais. Para combater situações do género, a Lambda pauta pela divulgação da informação nestes canais sobre a homossexualidade, tal como afirmou a Directora:

“Utilizamos também a mídia. Fazemos artigos para os jornais, divulgamos também no facebook, Watssap, televisão em parceria com as organizações da sociedade civil, para advogarem os direitos dos lgbt” (Directora da Lambda).

4.5.4 Palestras

A Lambda também realiza palestras nas comunidades e diversas instituições com vista a colmatar o estigma e discriminação presente no seio familiar, social, institucional, tal como afirmou a Directora:

“Realizamos palestras nas organizações, nas comunidades, nas instituições públicas e privadas, no sentido de difundir informações sobre direitos humanos e defender os interesses da comunidade lgbt” (Directora da Lambda)

É imprescindível realçar que todos esses mecanismos adoptados pela Lambda, visa combater a homofobia e a discriminação em razão da orientação sexual, da identidade de género e das características sexuais, cujo objectivo principal é de garantir a protecção dos direitos de todas as pessoas LGBT em Moçambique.

4.6 Avaliação dos mecanismos adoptados pela Lambda no enfrentamento do Estigma e Discriminação

Por meio da secção anterior, podemos compreender que a Lambda pauta pela sensibilização, formação, uso da mídia e palestras para combater o estigma e discriminação que paira no seio dos seus membros e beneficiários.

No que tange a eficácia e eficiência desses mecanismos, a Directora afirmou que têm sim surtido efeitos desejados. A Lambda tem um grupo cultural, formado por pessoas LGBT. Então este grupo é chamado para actuar em vários eventos oficiais e em várias ocasiões, até mesmo nas embaixadas. Isso mostra de alguma forma fruto do trabalho.

A mesma, salientou que, aumentou o nível de conhecimento e respeito pelas pessoas que vivem com uma orientação sexual diferente, pois tem mais de 100 mil seguidores no *facebooke* 20 mil beneficiários.

É imprescindível realçar que a Lambda contribui, também, para que os seus membros/beneficiários consigam a sua independência financeira/fonte de renda, através da mesma, os membros satisfazem as suas necessidades básicas e alguns conseguem pagar os estudos, construir própria casa, entre outros aspectos.

4.7 O papel do Assistente Social no combate ao estigma e discriminação contra as minorias sexuais

Diante da discussão aqui apresentada, há necessidade imperativa do Serviço Social sua actuação comprometida, em consonância com os princípios ético-político, a partir da compreensão de tais especificidades dos movimentos LGBT, que experimentam cotidianamente as desigualdades sociais, espaço em que se reproduzem as desigualdades sexuais, sociais, políticas e culturais, sob o escudo da sociedade capitalista. Prata (2007, p.55) atesta que são elementos que envolvem a sociedade e que muitas vezes promove a segregação e a marginalização de diversos espaços sociais, multiplicando as esferas de miséria e exclusão em todas as esferas da vida social.

Apesar do movimento homossexual ser entendido como movimento social organizado, em Moçambique, ainda há muito o que amadurecer, ou seja, continuar a conquistar o seu espaço, numa sociedade homofóbica, de estigma e discriminação.

Na óptica de Barros (2018, p. 2), a centralidade que o assunto homossexualidade vem ganhando no sector político se constitui em um novíssimo desafio para o Serviço Social, no sentido de propor e estabelecer estratégias de intervenção que propiciem para esta população uma perspectiva emancipatória da cidadania e não da exclusão social.

O autor (Barros, 2018) sustenta ainda que o trabalho com homossexuais é um novo desafio para os Assistentes Sociais, tendo em vista que a demanda de trabalho aumentou, principalmente no que diz respeito às DST/AIDS e violação de direitos. O Serviço Social do Grupo Cidadania Gay de Conscientização Homossexual luta para que os homossexuais tenham seus direitos de cidadão garantidos por lei, bem como o acesso destas pessoas aos serviços prestados pelo Estado à sociedade como um todo.

Na perspectiva de Prata (2007), o Assistente Social deve desenvolver uma prática profissional que viabiliza a participação dos usuários e das equipas multidisciplinares no processo de decisão quanto às acções realizadas no âmbito da saúde, educação, direitos humanos e implementação de políticas públicas, buscando a efectivação de um atendimento mais participativo que, consequentemente, favorecerá o exercício da cidadania. Não obstante, deve planejar e executar projectos juntos aos usuários do Grupo Cidadania Gay de Conscientização Homossexual, também, informar os usuários seus direitos enquanto cidadãos.

Em suma, o Assistente Social, comprometido com o processo de transformação é um agente socializador de informações, preocupado principalmente com a garantia dos direitos sociais, proporcionando ao usuário uma educação crítica e libertadora. Por isso, é de extrema importância que a categoria dos Assistentes Sociais lute sempre pelos direitos sociais fundamentais de seus atendidos, usuários, pacientes ou clientes. Sempre com o intuito que este indivíduo reflecta acerca de seus direitos e deveres como cidadão e, que passe a ter um olhar crítico acerca das políticas públicas que lhe é de direito, fazendo valer assim e, por conta própria, seus direitos mínimos para ser tratado como cidadão moçambicano.

4.8 Actividades desenvolvidas no âmbito da implementação do plano de intervenção

A primeira actividade patente no plano de intervenção refere-se a reunião com os membros da Lambda. A actividade decorreu durante uma semana no início do mês de Dezembro de 2022 nas instalações da Lambda.

Por meio desta, identificou-se os problemas que assolam a comunidade LGBT que são os seguintes: o estigma, discriminação e falta de legalização da Lambda pelas autoridades governamentais moçambicanas. Percebeu-se que as relações sociais existentes entre os membros da comunidade são boas, alguns até conseguiram parceiros amoroso na Associação e os mecanismos adoptados no enfrentamento do Estigma e Discriminação são os seguintes: campanhas de sensibilização, formação, uso da mídia e palestras, com intuito de estancar a má percepção da homossexualidade.

Seguiu-se com a actividade de emponderamento que consistiu no debate com os membros da Associação, discutiu-se os direitos humanos em Moçambique inclusive os sobre os direitos civis e políticos que estão consagrados na CRM, da liberdade de associação, expressão e outros que no entender da Lambda, esses princípios estão sendo violados, pois passam 15 anos que a Associação não é aceite pelo governo, ou melhor, o governo está neutro.

Por fim, devido a crescente onda de estigma e discriminação que paira na nossa sociedade, realizou-se essa actividade, com objectivo de difundir informações sobre a homossexualidade e os direitos da comunidade LGBT. As palestras foram realizadas nos mercados da Cidade de Maputo, nomeadamente: Estrela Vermelha, Janete e Mercado Central. A mesma teve como intervenientes: pesquisadora, activistas e agentes comunitários membros da Lambda.

4.9 Apoio de Governo à Associação Lambda

No âmbito da presente pesquisa, entrevistou-se os membros da Lambda e a direcção sobre suas aspirações e tipo de apoio que gostariam de receber do governo e as respostas podem ser observadas abaixo:

“O Estado moçambicano ainda não legalizou a organização Lambda. Desde o ano de 2006 que criamos. Agradecíamos que o governo legalizasse a Associação que é urgente e obrigatório, pois a negação vai contra a Constituição da República. Mas nos apoiam através do Ministério da Saúde e Ministério da Justiça” (Directora da Lambda).

“O governo deve nos apoiar através do Ministério do Género, Criança e Acção Social. Devem também mencionar a nossa orientação sexual e exortar os demais membros da sociedade a nos respeitarem. Na área de saúde devem difundir doenças sexualmente transmissíveis, devem difundir que a homossexualidade é normal, devem combater a discriminação nas escolas” (Entrevistado Transexual, 27 anos).

“Devem ser combatida todas práticas culturais negativas, pois fazem com que as pessoas lgbt não acedam aos seus direitos de forma condigna e contribuem para o estigma e discriminação deste grupo minoritário. (Directora da Lambda).

“Permitir casamento de homossexuais e permitir a adopção de crianças e permitir a nossa integração em diversas profissões, como militar, polícia” (Entrevistado Gay, 38 anos).

Os dados acima, justificam a ideia de Ferraz (2017), de que o movimento LGBT tem em sua pauta de lutas alguns pontos principais, como a criminalização da homofobia, fim da criminalização da homossexualidade, em países onde a lei ainda permite a condenação de homossexuais, reconhecimento da identidade de género, despatologização das identidades trans, e a retirada da transexualidade como transtorno mental ou doença da lista de transtornos da OMS, fim da cura gay, casamento civil igualitário e a permissão de adopção por casais homoafetivos.

Com base nos depoimentos anteriores, fica evidente que a Lambda pede apoio do Governo, no sentido de legalizar a Associação, o Ministério do Género, Criança e Acção Social deve também mencionar a homossexualidade nos seus discursos ou actividades, pedem igualmente a existência de uma lei que permita o casamento de homossexuais, da adopção de crianças integração da comunidade LGBT em diversas profissões.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar os mecanismos adoptados pelas comunidades LGBT em Moçambique no enfrentamento do estigma e discriminação: estudo de caso da associação Lambda (2020-2022).

Por meio da pesquisa, conclui-se que a história da homossexualidade é marcada por perseguições, abusos, omissões e uma forte repressão do impulso natural da sexualidade humana, mesmo sendo considerada uma minoria social e um grupo de vulneráveis, a resistência e a luta sempre se fizeram presentes na comunidade.

Com o surgimento da Lambda em Moçambique, as minorias sexuais não só ganharam um espaço de sociabilidade, convívio e diversão como também ganharam um espaço de interacção. Foi com o seu aparecimento que se cria um espaço de maior visibilidade da homossexualidade, alguns homossexuais ganharam consciência dos seus direitos, e procuram a partir deste local se afirmar e reivindicar uma legitimidade de forma explícita.

No presente trabalho foram alcançados os objectivos, previamente definidos, pois identificou-se os tipos de violência que assolam a comunidade LGBT (Lambda) em Maputo, descreveu-se as formas como a comunidade LGBT (Lambda) enfrenta a questão do estigma e discriminação e, por fim, apresentou-se o papel do Assistente Social no combate ao estigma e discriminação contra as minorias sexuais.

Os dados da pesquisa revelaram que os membros da Lambda sofreram violência psicológica e física e, como forma de reverter este cenário, a Associação tem envidado esforços no sentido de promover campanhas de sensibilização, formação, uso da mídia e palestras sobre a homossexualidade, corroborando desta forma, a primeira hipótese da presente pesquisa.

É imprescindível realçar que todos esses mecanismos adoptados pela Lambda, visa combater a homofobia e a discriminação em razão da orientação sexual, da identidade de género e das características sexuais, cujo objectivo principal é de garantir a protecção dos direitos de todas as pessoas LGBT em Moçambique.

No que tange a eficácia e eficiência dos mecanismos adoptados pela Lambda para combater o estigma e discriminação, os mesmos são sustentáveis e consistentes, pois têm sim surtido efeitos desejados.

A teoria foi relevante na análise desta problemática, pois munuiu a pesquisadora de uma perspectiva holística na análise das expressões da questão social, em particular, casos relacionados com o isolamento, a exclusão social, discriminação e, acima de tudo, o estigma. E, isto permitiu a definição de um conjunto de instrumentos para a sua erradicação, visando garantir o bem-estar dos indivíduos estigmatizados.

- Propostas e/ou sugestões

Cada vez mais percebemos a necessidade das autoridades governamentais, dos formadores de opinião pública e de pesquisadores sensíveis às diferenças, de formular políticas públicas e ações solidárias e cidadãs de inclusão das populações marginalizadas, para que essas pessoas possam desfrutar dos mesmos direitos que são assegurados aos cidadãos comuns, de modo a terem as mesmas oportunidades e chances frente à vida.

Mas, essas mudanças só serão possíveis quando as preocupações e desejos dos homossexuais forem ouvidos e respeitados. Para que isso aconteça, propõe-se a invasão de todas as áreas, da saúde, da educação, da segurança pública, entre outras, para falar a essas instituições e pessoas que as referências que elas possuem sobre a comunidade LGBT estão ultrapassadas e que são equivocadas. É preciso, antes de mais nada, mostrar a esses indivíduos que a comunidade LGBT são pessoas dignas e que merecem respeito e oportunidades.

Ademais, a Constituição da República de Moçambique, no seu Artigo 52 fala da Liberdade de associação e consagra o seguinte: *“1. Os cidadãos gozam da liberdade de associação. 2. As organizações sociais e as associações têm direito de prosseguir os seus fins, criar instituições destinadas a alcançar os seus objectivos específicos e possuir património para a realização das suas actividades, nos termos da lei.”* Nesta senda, propõe-se ao Estado a legalização da Associação Lambda, pois qualquer ideia contrária do governo, viola a Constituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bavaresco, Leticia Rosa e Goin, Marileia. (s/d). *Instrumentalidade profissional do Serviço Social: As mediações da Prática Profissional*.

Banditer, Elisabeth. (1993). *Sobre a identidade masculina*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Barros, Jaqueline de Melo. (2018). *A produção de conhecimento no serviço social: Orientação Sexual - um debate necessário*. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 05- Nº 1.

Bergamaschi, Igor Felipe; Tiago, Pascoa Raimundo. (2017). *Brasil e Moçambique: Um olhar de Direitos Humanos LGBT*. UniBrasil, Curitiba, v.3, n.2.

Belin Mateus e Neumann Ricardo. (2020). *História da homossexualidade no Brasil: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT*. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Brasil. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2013*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Costa, Rogério da Silva. (s.d). *Homossexualidade: um conceito preso ao tempo*. Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação - Uni IBMR.

Costa Selma e Kamimura Ana. (2011). *Ser homossexual no século XXI: os desafios e as conquistas vivenciados pelos associados do grupo Shama*. Uberlândia/MG.

Costa, Ângelo Brandelli e NARDI, Henrique Caetano. (2015). *Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual*. Temas em Psicologia. Vol. 23, nº 3.

Dieter Cristina. (2009). *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Ferraz, Thais. (2017). *Movimento LGBT: a importância de sua história e do seu dia*. Politiz, Florianópolis.

Figueiró, Mary Neide Damico. (2017). *Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Ed. UEL.

Gerhardt, Tatiana Engel e Silveira, Denise Tolfo. (2009). *Métodos de pesquisa*, Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Giddens, Anthony. (2001). *Sociologia*. 6ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Gil, António Carlos. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas S.A. 6ª Edição. São Paulo.

Goffman, Erving. (1991). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. 4ª ed.

Gorisch, Patrícia. (2014). *O Reconhecimento dos Direitos Humanos LGBTI: de Stonewall à ONU*. Curitiba: Appris.

Lacerda, Lélica. (2014). *Exercício profissional do assistente social: da imediaticidade às possibilidades históricas*. São Paulo.

Laville, Christian; Dionne, Jeane. (1999). *A construção do saber: Manual de Metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Louro, Guacira Lopes. (1999). *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes

Machado, Zenaida. (2016). *Comunicação: O Discurso Ambíguo de Moçambique sobre os Direitos LGBT*.

Marconi, Marina de Andrade et al. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Editora Atlas S.A. 5ª Edição. São Paulo.

Marshall, T. H. (s/d). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar.

Morreira, A.J. (2017). *O que é discriminação?* Belo horizonte - MG.

Matusse, Olívia Maria. (2013). *Manual de Metodologia de Investigação Científica: Para a Elaboração de Monografias Escolares e Outros Tipos de Pesquisas Científicas*. 4ª Edição, Maputo.

Mott, Luiz. (2003). *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia.

Nota, J; Vilaça, T. Mabote, C. (2012). *Atitudes face á Homossexualidade entre futuros professores de Biologia para o Ensino Secundário Geral em Moçambique*. Revista Ibero-Americana de Estudos da Educação, v.7, n.1.

ONUSIDA. (2000). *A resposta dos agregados familiares e das comunidades à epidemia do HIV/SIDA nas zonas rurais da África Subsaariana*. Genebra.

Parker, R. (2000). *Na Contramão da AIDS*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Pecheny, M. (2004). *Identidades discretas*. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIAS.

Peres, Wiliam Siqueira. (2004). *Violência, Exclusão e Sofrimento Psíquico*. Rio de Janeiro.

Piana, Maria Cristina. (2009). *A construção do perfil do Assistente Social no cenário educacional*. São Paulo: Editora UNESP.

Prata, Marcelo Ricardo. (2007). *Serviço Social e Homossexualidade*. Rev. do Depto. de Serviço Social PUC-Rio.

Relatório, Amnistia Internacional. (2013). *Fazer amor um crime: criminalização de actos do mesmo sexo na África subsaariana*.

Relatório Anual 2019 sobre *Discriminação Contra Pessoas LGBT*. ILGA – Portugal.

Rios, Luis Filipe et. al (2004). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Rio de Janeiro.

Ribas, Cíntia; Fonseca, Regina. (2008). *Manual de metodologia científica*. Curitiba.

Silva, D. da etal. (2010). *Estudo sobre Vulnerabilidade e risco de infecção pelo HIV entre Homens que fazem sexo com Homens na Cidade de Maputo*. Maputo: USAID/UNFPA.

www.dw.com/pt-002/comunidade-lgbti-continua-a-ser-discriminada-em-mo%C3%A7ambique/.a-61826454. Acedido no dia 15 de Novembro de 2022, às 12 horas.

APÊNDICES

ANEXOS